

## SUMÁRIO

PREFÁCIO ( <i>Orly Zucatto M. de Assis</i> ) . . . . .	9
APRESENTAÇÃO . . . . .	13

### PARTE I – A PSICOLOGIA GENÉTICA E A DECLARAÇÃO DOS PRINCÍPIOS SOBRE A TOLERÂNCIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E PRAXIS – O QUE FAZEMOS, COMO FAZEMOS

CAPÍTULO 1 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA GENÉTICA NA EDUCAÇÃO PARA A PAZ E TOLERÂNCIA . . . . .	23
Nádia Maria Bádue Freire	

CAPÍTULO 2 A MEDIAÇÃO DE TEMAS DA MÍDIA E TV NA RODA DA CONVERSA: UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CONVERSAR SOBRE TEMAS POLÊMICOS NA INFÂNCIA . . . . .	69
Cristiane Oliveira Nascimento Vieira	

CAPÍTULO 3 O CONSUMISMO INFANTIL NOS CONFLITOS ESCOLARES . . . . .	83
Patrícia Maria de Oliveira	

CAPÍTULO 4 RELAÇÕES DE PODER NO COTIDIANO DA ESCOLA – O PAPEL DO GESTOR NA EDUCAÇÃO PARA A PAZ . . . . .	107
Maria Aparecida Gonçalves Gomes	

CAPÍTULO 5	
EDUCAÇÃO & SEXUALIDADE: DIÁLOGOS PARA UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ . . . . .	129
Ana Marcia de Oliveira Carvalho Camila Leme Zaia	

PARTE II – PESQUISAS, ENSAIOS E IMPLICAÇÕES PARA  
A EDUCAÇÃO PARA A PAZ: REFLEXÕES A PARTIR DE  
DIFERENTES PERSPECTIVAS

CAPÍTULO 6	
COMPANHEIROS OU ADVERSÁRIOS: COOPERAÇÃO OU COMPETIÇÃO NA ESCOLA? ENSAIO SOBRE O PARADIGMA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ . . . . .	151
Carmen Campoy Scriptori	

CAPÍTULO 7	
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE VIOLÊNCIA NA ESCOLA . . .	171
Regiamar Filomena Silva Costa Rita de Cássia Pereira Lima	

CAPÍTULO 8	
JOGOS E EDUCAÇÃO PARA A PAZ . . . . .	189
Lia Leme Zaia	

CAPÍTULO 9	
EDUCAÇÃO PARA A PAZ . . . . .	213
Lucia Helena de Carvalho	

SOBRE AS AUTORAS . . . . .	225
----------------------------	-----

## PREFÁCIO

Em 2004, Nádía Maria Bádue Freire defendeu sua tese de doutorado intitulada “Educação para a Paz – um estudo psicogenético sobre a tolerância”, que deu origem à criação no Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da UNICAMP de um grupo de estudos que, há mais de seis anos, vem realizando pesquisas, eventos, publicações com o intuito de instaurar um cultura de paz em nossas escolas.

Socializar os conhecimentos produzidos no Grupo de Estudos de Educação para a Paz e Tolerância – GEEPAZ – de modo a contribuir para que em nossas instituições escolares haja um ambiente sócio afetivo que se caracteriza pela convivência harmoniosa, respeito mútuo, cooperação e tolerância entre as pessoas que delas participam – é o principal objetivo deste livro que tenho a honra e a imensa alegria de prefaciá-lo.

As pessoas às quais este livro se destina encontrarão aqui fundamentos teóricos e dados de pesquisas empreendidas pelas autoras que demonstram a viabilidade da transformação que poderá ocorrer nas escolas que, de fato, estiverem interessadas na formação de crianças e jovens que saibam conviver em paz, mesmo que, muitas vezes possa haver conflitos entre eles.

Trata-se, pois, de uma obra escrita por autoras, cujas ideias que apresentam se fundamentam em suas experiências educacionais as quais passaram muitas transformações em decorrência dos estudos e pesquisas realizadas durante os anos de atividades do GEEPAZ.

Ao relatarem o “que fazem” e “como fazem” com relação à Educação para a Paz, conseguem explicar os fundamentos teóricos mais complexos que

sustentam seus argumentos de modo a torná-los compreensíveis, porque consideram os conhecimentos prévios dos leitores sem, contudo, perder o caráter de cientificidade.

Os casos reais apresentados nos diferentes capítulos da parte I ajudam o leitor a compreender as relações entre a Educação Para a Paz e o desenvolvimento da moralidade e a formação da personalidade ética.

Entendendo que a educação é condição necessária para a formação da personalidade intelectual e moralmente autônoma, as autoras apresentam orientações pedagógicas que podem ser utilizadas pelos professores com o objetivo de desenvolver a capacidade do aluno de lidar com conflitos interpessoais e ter com os pares e com os adultos um relacionamento baseado no respeito mútuo, na reciprocidade e na cooperação.

Na parte II desta publicação, o leitor encontrará artigos escritos por especialistas em Educação, que apresentam diversos pontos de vista os quais aprofundam as reflexões sobre o tema e contribuem, cada um a seu modo, para a que a Educação para a Paz passe a constituir um dos objetivos dos currículos de nossas Escolas.

O livro *Educação para a Paz e a tolerância: fundamentos teóricos e prática educacional*, organizado por Nádia, baseia-se nos conhecimentos da Psicologia Genética piagetiana e nos princípios da educação construtivista, apresentando ainda outras orientações que contemplam as relações interpessoais adulto /criança, as quais são expressas pelo respeito que os adultos devem ter em relação aos mais novos, para que estes, por sua vez, aprendam a respeitá-los. Também são mencionadas estratégias que quando utilizadas pelo adulto permitem à criança ou ao jovem pensar por si, perceber que seus sentimentos são reconhecidos e sintam-se valorizados.

As orientações apresentadas na obra refletem uma visão sobre a prática da educação inspirada na teoria piagetiana, a qual implica que o trabalho pedagógico contribui para criar na escola um ambiente que torne possível ao educando elaborar, até a conclusão operações da lógica, bem como construir valores e princípios morais que lhe permitam fazer a opção moral pela Paz.

Espero que a leitura deste livro possa contribuir para transformar o ambiente socioafetivo de nossas escolas atualmente impregnado de violência, desrespeito, intranquilidade e desamor, num ambiente no qual imperem a justiça, a liberdade, a harmonia, a convivência tranquila, a Paz... que resulta de uma educação que se vale de práticas pedagógicas que priorizam ao mesmo tempo a inteligência, a afetividade e a moralidade. São muito válidos os argumentos apresentados pelas autoras que justificam a necessária tomada de consciência da necessidade de os professores e professoras utilizarem uma prática educativa que tem por objetivo a formação de atitudes e valores característicos de uma personalidade moral íntegra e que são imprescindíveis para a convivência humana no mundo atual, carente de paz, solidariedade, honestidade, amizade, respeito e amor.

Orgulho-me ao dizer que fui professora e orientadora de Nádía no programa de pós-graduação de doutorado em Educação da Unicamp. Seu desempenho como aluna sempre me surpreendeu, pois seu entusiasmo pela teoria piagetiana e pelas causas da Educação, bem como sua determinação em satisfazer a curiosidade, o que durante sua trajetória acadêmica a impulsionou a realizar várias pesquisas e estudar uma vasta bibliografia. Tendo atuado durante muitos anos em programas de formação continuada de professores e professoras da educação infantil e ensino fundamental, a autora conviveu com um grande número de profissionais da educação e, portanto, conhece bem a nossa realidade educacional e o que eles necessitam para melhorar a qualidade de seu trabalho pedagógico. Por certo, esses professores e professoras se beneficiarão com a leitura desse livro. Quem tiver interesse em imprimir uma nova direção à sua atividade junto a alunos e alunas da educação básica, poderá encontrar neste livro um material rico, criativo e inusitado que lhe servirá de apoio nessa tarefa à qual se dedicam todos aqueles que confiam no poder da educação e estão engajados na busca por uma tão necessária Educação Para a Paz.

Os ensinamentos que a leitura deste livro proporciona poderão ajudar muito aos professores e professoras a se inspirarem num ideal democrático de educação e que por isso querem preparar seus alunos e alunas para se

tornarem cidadãos ao mesmo tempo livres, autônomos e capazes de uma disciplina interior. Segundo Jean Piaget, ser livre é saber julgar, é ter espírito crítico, sentido da experiência e necessidade de coerência lógica a serviço de uma razão autônoma, comum a todos e que não depende de nenhuma autoridade externa.

Com certeza a leitura desta obra vai ao encontro de profissionais que atuam no campo da educação e estão comprometidos em tornar realidade uma Cultura de Paz nas instituições onde trabalham e que estão determinados em dar o melhor de si para que seus alunos e alunas desenvolvam a capacidade de reflexão, a responsabilidade, a capacidade de expressar seus sentimentos, aprendam a conviver, a tomar decisões, se tornem cidadãos íntegros e úteis à sociedade.

Registro os meus sinceros agradecimentos à Nádia e às outras autoras, pelo gentil convite para que eu prefaciasse esse livro que me deu a oportunidade de analisar e me orgulhar do trabalho intelectual de algumas de minhas ex-alunas, que como eu estão comprometidas em contribuir para a melhoria da qualidade da educação oferecida em nossas escolas. A leitura deste livro permite que os educadores passem a acreditar que é possível uma Educação para a Paz.

*Orly Zucatto Mantovani de Assis*  
*Campinas, março de 2011*

## APRESENTAÇÃO

Prezada leitora, prezado leitor,

Seja bem vindo (a) ao nosso convívio e à nossa história.

O ano de 2011 marca seis anos de trabalho do Grupo de Estudos “Educação para a Paz e Tolerância” (GEEPAZ), criado no dia 7 de março de 2005, junto ao Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da Unicamp, com atividades como estudos, pesquisas, palestras, assessorias e cursos divulgando a Educação para a Paz e a Tolerância.

Nosso Grupo de Estudos surgiu como consequência de estudos e pesquisas realizados por mim, para as teses de mestrado e de doutorado defendidas, ambas sobre o tema Educação para a Paz, em 1998 e 2004, respectivamente.

Cabe lembrar que nos anos 1990, a maioria dos problemas de indisciplina na escola eram mais considerados “falta de educação” e, embora não fosse tão frequente como hoje, a violência na escola já dava sinais de crescimento.

Desde 1981, quando diretora de colégio, era clara a necessidade de saber como enfrentar a indisciplina e de rever, com uma teoria consistente, como e quais deveriam ser as regras mais adequadas ao convívio escolar, de forma que contribuíssem na construção da autonomia de nossos alunos.

Procurando encontrar respostas em bons autores, nos debruçamos sobre livros e livros, procurando colocar em prática as ideias estudadas,

adaptando-as às necessidades de nossa função. Assim, passamos várias fases: algumas vezes dando aos nossos alunos a liberdade inspirada em alguns autores, como Neill, da Escola de Summer Hill, ou Carl Rogers, com sua proposta humanista. Não deu certo, os alunos relaxaram, parecia que não estavam habituados a arcar com as consequências de seus atos, queriam fazer tudo do jeito que eles queriam... Nesse momento, não sabíamos como lidar com essa pseudoliberalidade, já que “apenas conversar não adiantava nada”.

Levada por um saudosismo de nossa própria história de vida, apoiada (e pressionada, digamos assim) por nossos professores, voltávamos atrás, impúnhamos regras como se apenas o fato de a diretora colocar limites e regras, elas seriam cumpridas. Doce ilusão: descobrimos na pele que as regras eram feitas para serem quebradas... e, novamente, quantas vezes nos encontramos em situações de tirar o sono de qualquer um!!!!

Às vezes, acreditávamos que alguns alunos eram indisciplinados porque nasceram assim. Outras vezes, porque era “culpa das amizades”, da má influência, ou mesmo por culpa dos pais que não os “educavam direito”.

Hoje, sabemos que, naquela época, estávamos simplesmente misturando teorias pedagógicas apoiadas no inatismo e no empirismo, sem ter clareza sobre as diferenças entre elas.

Em nossa busca, encontramos na teoria de Piaget, por meio das aulas da Professora Doutora Orly Zucatto Mantovani de Assis, do LPG, luzes apontando um caminho que sentíamos seguro em direção aos problemas que precisávamos resolver: os princípios extraídos da teoria do desenvolvimento moral evolutivo-constitutivista-piagetiano.

Fazendo o mestrado e assistindo as aulas da professora Orly, tivemos oportunidade de conhecer mais profundamente a teoria piagetiana, bem como os princípios que dela emanam. A obra de Piaget, “Para onde vai a educação”, nos cativou de forma mais intensa, pois apontava rumos que deram segurança para serem trilhados. Descobrimos que esse livro foi escrito em 1927, quando Piaget foi Secretário da Pasta da Educação da Sociedade das Nações, órgão que se transformou, em 1948, na atual Organização das Nações Unidas (ONU). Nesse texto, o mestre genebrino se posiciona quanto ao artigo 26 da

Declaração dos Direitos Humanos, que, dentre outras tarefas, à Educação cabe promover a paz. Os argumentos utilizados por Piaget foram convincentes. Definimos o tema que nos apaixonou e que perseguiríamos desde então, até hoje: a Educação para a Paz. Defendemos nossa dissertação de Mestrado em março de 1998, na Universidade São Francisco, com a orientação da professora Dra. Sonia Maria Vicente Cardoso, que se tornou grande amiga, generosa e aberta aos meus anseios. Contamos, nessa época, com o apoio, com a competência também generosa e amiga e com as aulas que frequentamos ainda como aluna especial, na Unicamp, com a professora Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis, que fez parte da banca examinadora dessa dissertação de mestrado.

Tivemos também a feliz oportunidade de refletir sobre nossas angústias profissionais (e pessoais), com outras pessoas, como a amiga Carmen Campoy Scriptori que nos introduziu no pensamento de Selman e a capacidade de adoção de perspectivas; e com Lia Leme Zaia, na compreensão de como a teoria piagetiana explica o pensamento formal, dentre outras colegas do LPG, com quem pudemos trocar ideias e ideais.

Durante a elaboração da dissertação de mestrado, fizemos pesquisa bibliográfica sobre o tema Educação para a Paz. Nessa busca, os conceitos que apareceram com mais frequência referiam-se a três aspectos citados como necessários à Educação para a paz: cooperação, capacidade de se colocar no lugar do outro e tolerância.

Desta forma, a pesquisa desenvolvida durante o mestrado abordou os dois primeiros e, durante o doutorado, foi estudada a Tolerância necessária à Educação para a Paz.

Em 1998, entramos no programa de doutorado da Unicamp, tendo como orientadora a prof. Dra. Orly, que abraçou o tema tolerância enquanto valor necessário à Educação para a Paz, com o entusiasmo de quem acredita e quer demonstrar.

Então, já como aluna e parte integrante do LPG, nos colocamos a questão: como a Psicologia Genética poderia contribuir para a tolerância e para a Educação para a Paz?

Foram anos de muito estudo, pesquisa e inúmeras reuniões com a professora Orly. A tolerância é complexa, pois é considerada na maioria das vezes como permissividade. No entanto, participando do Seminário Internacional “A Ciência, os Cientistas e a Tolerância”, realizado na USP, no final de 1998, pudemos ver de perto o quanto pode ser vivenciada enquanto virtude na Cultura da Paz. Este Seminário foi encerrado com a assinatura, pela Rede Latino-Americana pela Tolerância, de um compromisso para com a Declaração dos Princípios sobre a Tolerância, aprovada pela Conferência Geral da Unesco, em sua 28ª Reunião, em Paris, no dia 16 de novembro de 1995, e que completou 15 anos no ano de 2010.

Nossa tese de doutorado foi defendida em 2004. Nesse mesmo ano, aconteceu, em Águas de Lindóia, o XXI Encontro Nacional de Professores do Proepre, evento promovido pelo LPG, tendo como organizadores os professores Orly e Mucio, com o tema “Educar para a Paz”. Na ocasião, foi anunciada oficialmente a criação do “Grupo de Estudos Educação para a Paz e Tolerância”, cujas atividades tiveram início aos 7 de março de 2005, com reuniões quinzenais.

O GEEPAZ é, portanto, parte integrante do Laboratório de Psicologia Genética (LPG), da Faculdade de Educação da Unicamp e tem, na Professora Doutora Orly Zucatto Mantovani de Assis, sua grande incentivadora, que nos acolheu como coordenadora do Grupo.

O Grupo de Estudos “Educação para a Paz e Tolerância” nasceu com o objetivo de desenvolver estudos, pesquisas, estudos de casos reais, e promover palestras e cursos que divulguem a Educação para a Paz e a Cultura de Paz nas escolas.

Sabemos que a Educação para a Paz é considerada por alguns como mais um capítulo das chamadas “utopias educacionais” – inatingível, precognizada e perseguida por idealistas e ingênuos. Esperamos que esta publicação, onde, com coragem nos expomos ao expormos nossas ideias e valores, possa se constituir em argumentos na defesa de uma paz possível. As verdades que hoje consideramos e que sustentam nossas práticas educacionais com as quais nos comprometemos não nos permitem esquecer “o mito da caverna”, de

Platão: o que vimos até aqui não é a verdade por inteiro, mas sim aquela que as possibilidades de cada um de nós o permitem.

O livro que ora apresentamos vem registrar alguns dos resultados obtidos em nossa trajetória nestes anos.

Os conceitos trabalhados neste livro estão fundamentados em duas perspectivas: na Psicologia Genética e na Declaração de Princípios sobre a Tolerância. Para nós, interessam os significados da tolerância que permitem a construção da Cultura da paz.

Este livro está apresentado em duas partes:

A Parte I traz os fundamentos teóricos para a construção de uma Educação para a Paz e Tolerância coerentes com as contribuições e pressupostos da Psicologia Genética, bem como uma reflexão sobre como a Declaração dos Princípios sobre a Tolerância amplia possibilidades da Educação para a Paz nas relações humanas e na escola. Ainda estão os principais conceitos que orientam nossos estudos, pesquisas, estudos de casos e reflexões por uma Cultura de Paz. Na sequência, os capítulos 2, 3, 4 e 5 apresentam alguns estudos de caso reais (nomes dos personagens fictícios), mostrando o que fazemos e como fazemos com relação a cada caso discutido e analisado pelo GEEPAZ. Cada caso é apresentado por um integrante do grupo. São eles: “Consumismo infantil nos conflitos escolares”, em que Patrícia Maria de Oliveira aponta um estudo sobre conflito entre pares, que envolve o consumismo; “Mediação de temas da Mídia e TV na Roda da conversa: estudo sobre a importância de conversar sobre temas polêmicos na infância”, em que Cristiane Oliveira Nascimento Vieira mostra as dificuldades que surgem durante as rodas da conversa e como a Tolerância pode contribuir nesse processo, desvelando a influência da mídia nas brincadeiras infantis; “Relações de Poder no cotidiano da escola: o papel do Gestor na Educação para a Paz” traz reflexões de Maria Aparecida Gonçalves Gomes sobre os desafios do gestor na construção da Tolerância enquanto sentimento moral no cotidiano escolar; “Educação & Sexualidade: diálogos para uma Educação para a Paz”, em que Ana Márcia de Oliveira Carvalho e Camila Leme Zaia apresentam, inicialmente, os conceitos necessários para o entendimento da discussão

sobre sexualidade, relação e violência de gênero e diversidade sexual. Analisa e discute casos reais com base em aspectos teóricos, assim como sua atuação nas vivências, terminando nas considerações finais, por apresentar as implicações educacionais dos diálogos e educação para a paz.

A Parte II – “Pesquisas, ensaios e implicações para a educação para a paz: reflexões a partir de diferentes perspectivas” – é composta de artigos escritos por especialistas na área e sua contribuição para a Educação para a Paz, abrindo diálogo entre a Psicologia Genética e outras perspectivas.

Inicialmente, a reflexão feita por Carmen Campoy Scriptori em “Companheiros ou adversários: cooperação ou competição na escola? Ensaio sobre o paradigma de uma Educação para a Paz”, busca tratar o tema a partir de fundamentos da teoria de Piaget para compreender o desenvolvimento do sujeito psicológico, salientando a concepção piagetiana sobre a necessidade do desenvolvimento das estruturas mentais na constituição do sujeito, bem como a importância do fator social e a influência do fator cultural no desenvolvimento da moralidade. Mostra que o desenvolvimento da cooperação e do respeito mútuo é necessário à resolução pacífica de conflitos que emergem no cotidiano escolar, quando se fizer alguma diferença na vida e formação dos alunos na escola.

Lia Leme Zaia, apresenta o artigo “O jogo e a construção de atitudes na Educação para a Paz”, mostrando as situações-problema enfrentadas pela criança que deseja jogar e precisa manter os parceiros interessados em sua participação, a tomada de consciência das próprias atitudes, antecipações, estratégias e resultados alcançados, que se assemelham às decisões, antecipações, avaliações, provocadas pela vida social. Ainda aponta os conflitos que surgem durante o jogo, especialmente entre a necessidade de seguir as regras e o desejo de ganhar, desencadeando a ação da vontade, a tomada de consciência das próprias atitudes, provocando a descentração e a consciência do outro como sujeito de suas ações, propiciando, por sua vez, desenvolvimento moral, a autonomia e o respeito mútuo, necessários à compreensão e aceitação das diferenças, atitudes importantes na Educação para a Paz.

O artigo “Representações sociais de professores do ensino fundamental sobre violência na escola”, de Regiamar Filomena Silva Costa e de Rita de Cássia Pereira Lima apresenta estudo em que as autoras investigam as representações sociais sobre violência na escola. O trabalho procura destacar a relevância quanto a investigar tais representações, pois ao explicitar como este conhecimento se constrói por meio das interações, elas permitem questionamentos que podem favorecer mudanças nas condutas e didáticas pedagógicas disseminadas na escola, mostrando que estudos de representações sociais sobre violências que ocorrem no espaço escolar podem também contribuir para a formulação de propostas que visem a Educação para a Paz nas escolas do país.

Enfim, Lucia Helena de Carvalho traz o artigo “Educação para a paz – uma alternativa para os desafios da educação”, revendo os conceitos de Paz e Educação, enquanto aponta sugestões que harmonizam as práticas pedagógicas com o desenvolvimento completo dos educandos.

Desta forma, diferentes perspectivas se entrecruzam na busca pela paz, onde o ponto de intersecção é o “desejo”, a “opção moral” pela paz. Que a Educação para a Paz e para a Tolerância seja um capítulo na Educação que vá muito além das reflexões sobre as causas dos conflitos, sobre como resolvê-los, sobre os acordos obtidos – mas que permita a construção nova de relações mais humanizadas e conscientes desde a Educação Infantil até à Universidade.

Esperamos que as atividades e reflexões apresentadas nesta publicação contribuam de forma efetiva para que a Tolerância seja um instrumento a favor da Paz na Escola.

Acreditamos na força da Paz na Escola que não se refere apenas a resolver grandes conflitos, crimes que sangram em notícias de jornais, geram polêmicas – mas também e principalmente na força da paz nos conflitos do cotidiano que passam, muitas vezes a descoberto, por entre olhares desatentos. Estes mais nos preocupam, pois machucam, deixam marcas e interferem mais diretamente na construção dos valores de nossos alunos, de nossas crianças, de nós mesmos.

Bom proveito, e que esta leitura inspire em você o reconhecimento de que a violência começa quando se acabam os argumentos. Por isso, saber conversar, trocar ideias, negociar, tomar atitudes, enfim, expressando sentimentos, mesmo nos casos mais difíceis – é, na Educação para a Paz e Tolerância, um dos princípios que contribuem para minimizar a violência e tornar possível a paz.

Esperamos também que esta publicação seja uma forma de colocar em ação uma das tarefas propostas às universidades pela Declaração dos Princípios sobre a Tolerância, que é fomentar e divulgar a Educação para a Paz e a Tolerância.

*Nádia Maria Bádue Freire*  
*Organizadora*